

[...] A plumária Kayapó é usada essencialmente durante os grandes rituais de nomeação e iniciação masculina, no casamento, na esteira e paramentação do morto durante os ritos de passagem. De modo geral, os enfeites de pena se relacionam com a vida cerimonial em oposição ao cotidiano, quando prevalece a pintura corporal como único adorno do corpo.

A arte plumária é extremamente variada, como cocares, testeiras e diademas, usam penas na confecção de braçadeiras, pulseiras, bandoleiras, ornamentos dorsais e flechas. O uso de penugem branca de urubu-rei colada no cabelo é um adorno típico destes grupos. A procura das penugens ocorre durante as caçadas indígenas, desse modo, procuram aves cujas penas são escolhidas e separadas adequadamente. Assim, na ocasião da confecção, o artesão possui a sua disposição uma grande variedade de matéria prima que se adapta a cada tipo de objeto a ser confeccionado.

Alguns ornamentos, como o grande diadema Krokrok ti, possuem denso significados simbólicos. Entre os Kayapó-Xikrin do rio Catete, por exemplo, ele pode representar um olho, sendo as penas as pestanas, ou representar, em outro contexto, o sol, passando as penas a representar os raios. Mas simboliza, antes de mais nada, a forma circular de uma aldeia onde as penas azuis, centrais, representam a praça, o lugar masculino e ritual por excelência, a fileira de penas vermelhas, a periferia, as casas, o mundo doméstico e das mulheres, e as penugens brancas amarradas nas pontas e a floresta, (VIDAL, 1982). A disposição e as cores das penas do cocar, adorno usado preso na cabeça, as cores das penas do cocar não são aleatórias. Além de bonito, ele indica a posição de chefe dentro do grupo e simboliza a própria ordenação da vida em uma aldeia Kayapó, em forma de arco, uma grande roda a girar entre o presente e o passado.

O verde sugere a representação das matas, que protegem as aldeias e ao mesmo tempo elas são a morada dos mortos e dos seres sobrenaturais. As matas são consideradas um lugar perigoso, já que fogem ao controle dos Kayapó. O amarelo refere-se às casas e às roças, áreas dominadas pelas mulheres. Nesses espaços, elas pintam os corpos dos maridos e dos filhos, plantam, colhem e preparam os alimentos. Todas as choças têm a mesma distância em relação à casa dos homens. A cor mais forte é o vermelho, representa a casa dos homens, que fica bem no coração da aldeia. Ali eles se reúnem diariamente para discutir caçadas, guerras, rituais e confeccionar adornos, como colares e pulseiras, explica Luis Grupioni. [...]